

Análise do conhecimento e da prática de mulheres senis sobre o exame papanicolau

Analysis of knowledge and practice of elderly women regarding the Pap smear

Lillian Miriany de Sousa Lima¹, Lilian Mirian Almeida Moreira², Kerma Marcia de Freitas³, Maria Jacielma Alves de Melo Araújo⁴, Maria Rocineide Ferreira da Silva⁵, Rafael Bezerra Duarte⁶

1. Graduação em Enfermagem
Centro Universitário Vale do Salgado (Univs)
E-mail: miriany.lillian@gmail.com

4. Especialista em Saúde da Família
Centro Universitário Vale do Salgado (Univs)
E-mail: jaciemaaraujo@univs.edu.br

2. Especialista em Saúde da Família
Centro Universitário Vale do Salgado (Univs)
E-mail: lilianmirian17@gmail.com

5. Doutora em Saúde Coletiva
Universidade Estadual do Ceará (UECE) /
Ministério da Saúde (MS)
E-mail: rocineideferreira@gmail.com

3. Doutora em Saúde Coletiva
Centro Universitário Maurício de Nassau
(UNINASSAU) / Centro Universitário Estácio do
Ceará (IDOMED)
E-mail: kermamarcia@gmail.com

6. Mestre e Doutorando em Saúde Coletiva
Universidade Estadual do Ceará (UECE)
E-mail: rafael.duarte@aluno.uece.br

Artigo Original

Resumo:

O senil, em meio ao processo de envelhecimento, torna-se mais frágil e susceptível as diversas doenças e agravos à saúde. No caso das mulheres, o Câncer do Colo de Útero é uma das doenças a qual estão expostas, sendo considerada um problema de saúde pública ainda que seja passível de prevenção e controle. Logo, um dos principais métodos para o rastreamento e controle deste problema é a realização do exame Papanicolau. Diante disso, objetivou analisar o conhecimento e a prática de mulheres senis sobre o Exame Papanicolau. Trata-se de um estudo exploratório, descritivo com abordagem quantitativa, realizado em uma Unidade Básica de Saúde, no Município de Icó, Ceará. Participaram da pesquisa 50 mulheres senis. A coleta de dados ocorreu durante o período de fevereiro a abril de 2018, por meio de questionário estruturado com questões fechadas. Verificou-se que 80% das mulheres senis tanto tinham conhecimento acerca do exame Papanicolau, como sabiam a finalidade do mesmo. Quando verificado se elas já tinham feito o exame Papanicolau, 62% responderam que sim e 38% que não. Portanto, se faz necessário a intensificação de promoção e educação em saúde, objetivando disseminar informações e, consequentemente, aumentar a busca das mulheres senis pelo exame preventivo.

Palavras-chave: Conhecimento; Prevenção de doenças; Saúde da mulher; Saúde do idoso; Teste de papanicolau.

Abstract:

Elderly people, during the aging process, become more fragile and susceptible to various diseases and health problems. In the case of women, cervical cancer is one of the diseases to which they are exposed, and is considered a public health problem, although it is preventable and controllable. Therefore, one of the main methods for tracking and controlling this problem is the Pap smear test. Therefore, the aim of this study was to analyze the knowledge and practice of elderly women regarding the Pap smear test. This is an exploratory, descriptive study with a quantitative approach, carried out in a Basic Health Unit in the municipality of Icó, Ceará. Fifty elderly women participated in the study. Data collection took place between February and April 2018 through a structured questionnaire with closed questions. It was found that 80% of elderly women were both aware of the Pap smear test and knew its purpose. When asked whether they had already had a Pap smear, 62% said yes and 38% said no. Therefore, it is necessary to intensify health promotion and education, aiming to disseminate information and, consequently, increase the number of elderly women seeking preventive exams.

Keywords: Knowledge; Disease Prevention; Women's Health; Elderly Health; Pap Smear Test.

Introdução

O envelhecimento consiste num processo da vida de qualquer ser humano. Trata-se de uma fase moldada por diversos fatores e progressivas modificações. Nesta etapa da vida, acontecem mudanças físicas, biológicas, psicológicas e sociais. Todas essas modificações apresentam características distintas do envelhecer, podendo a pessoa idosa optar por diferentes posturas e formas de ser e de se comportar (Freitas, 2017).

Atualmente, o processo de envelhecimento é considerado um fenômeno mundial e o aumento no número de pessoas senis ocorre de forma acelerada, de modo especial com o sexo feminino. Destaca-se que durante esse processo, o indivíduo passa pela fase de senescência, a qual corresponde a um conjunto de modificações fisiológicas naturais decorridas de um envelhecimento saudável, mas sem a presença de patologias (Silva et al., 2022a).

Ainda, em meio a todo o processo de envelhecer, o senil se torna mais frágil e susceptível as diversas doenças crônicas degenerativas e agravos à saúde, também conhecida como senilidade (Silva et al., 2022a). No caso das mulheres senis, o Câncer do Colo de Útero (CCU) é uma das doenças crônicas não transmissíveis a qual estão expostas (Santos et al., 2023b).

O CCU é uma doença neoplásica maligna. Caracteriza-se por meio do aparecimento de células desordenadas, com formato de tumores, sobretudo, no epitélio da cérvix uterina, originária de alterações intraepiteliais progressivas e lentas (Lima; Ferreira; Campos, 2024). Segundo o Instituto Nacional do Câncer (INCA), o CCU é considerado o quarto tipo de câncer mais comum e é a quarta causa mais frequente de morte por câncer entre as mulheres no mundo (INCA, 2019).

No Brasil, o CCU é o terceiro tipo de câncer mais incidente entre mulheres. Destaca-se que para cada ano do triênio 2023-2025 foram estimados um total de 17.010 casos novos de CCU, representando uma taxa ajustada de incidência de 15,38 casos a cada 100 mil mulheres. Já em relação à taxa de mortalidade por CCU, ajustada pela população mundial, no ano de 2020, foram registrados um número de 4,60 mortes/100 mil mulheres (INCA, 2022).

Devido às altas taxas de morbimortalidade, o tumor maligno cérvico-uterino é tido como um problema de saúde pública, ainda que seja passível de prevenção e controle. Logo, é indispensável não apenas a compreensão de sua magnitude, indicada nos dados estatísticos, mas também através das particularidades de cada indivíduo, embasado em um olhar holístico voltado à prevenção e diagnósticos precoces (Santos et al., 2023b; Lima; Ferreira; Campos, 2024).

Assim, em 1984, o Ministério da Saúde (MS) implantou o Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher (PAISM). Este tem por objetivo amparar e assistir a mulher em todos os âmbitos, desde a adolescência até a menopausa. Neste programa está inclusa a realização do exame citopatológico, um método/instrumento de suma importância, disponível mundialmente para o rastreamento e controle do CCU (Brasil, 2010).

Também é importante apontar o Plano de Ações Estratégicas para o Enfrentamento das Doenças Crônicas e Agravos não Transmissíveis no Brasil, o qual tem como uma de suas metas o desenvolvimento de ações estratégicas para promoção da saúde, prevenção e cuidado do CCU, tendo por destaque: realização de campanha nacional sobre os fatores de proteção para o CCU, bem como de ações de promoção da saúde e prevenção aos fatores de risco; Aperfeiçoamento do rastreamento do câncer do colo do útero; Garantia do acesso ao diagnóstico e à assistência oncológica; Desenvolvimento e/ou fortalecimento da infraestrutura dos sistemas de informação em saúde; Desenvolvimento de educação permanente para profissionais de saúde; Desenvolvimento e atualização de programas nacionais de controle do câncer; Aumentar a cobertura vacinal de HPV em meninas com idade de 9 a 14 anos; entre outras (Brasil, 2021).

Em relação ao exame citopatológico, também conhecido como Papanicolau, é um exame simples e consiste na coleta de material da ectocérvice e endocérvice, o que permite a detecção de lesões em fases iniciais das diversas doenças relacionadas ao colo do útero (Santos et al., 2023a).

O MS/INCA recomenda que o exame Papanicolau no Brasil, seja realizado anualmente, nas mulheres com idade entre 25 e 64 anos. Após dois exames consecutivos sem nenhuma alteração nos resultados, um próximo

exame pode ser realizado com intervalo de até três anos. Contudo, embora a faixa etária preconizada seja até 64 anos, se faz necessário que mulheres com idade superior realizem o exame Papanicolau, uma vez que, a incidência de CCU tem um maior pico entre 60 a 69 anos (INCA, 2016).

Prontamente, a Atenção Básica (AB), considerada porta de entrada do Sistema Único de Saúde (SUS), além de realizar o exame Papanicolau gratuito, dispõe de profissionais capacitados e habilitados para realização deste procedimento. Ainda assim, a porcentagem de mulheres senis que buscam as unidades para a realização do exame Papanicolau é baixa, o que leva muitas vezes, a um diagnóstico em estágios avançados de CCU, reduzindo drasticamente as chances de cura (Maeda; Alves; Silva, 2012).

Embora o exame Papanicolau seja importante para a detecção de várias doenças, as mulheres senis ainda têm certa resistência para realizá-lo, principalmente, por este estar relacionado à sua sexualidade. Entretanto, inúmeros fatores podem estar associados a essa falta de adesão, dentre eles fatores socioculturais, crenças, raça, expectativas de vida, experiências vividas, ideias pré-concebidas ao longo da vida e principalmente a falta de conhecimento (Silva et al., 2014).

As informações inerentes à realização de exames de Papanicolau em mulheres senis, ainda são pouco exploradas, fato esse que pode influenciar diretamente na pouca demanda de mulheres senis que realizam o exame. Partindo desse ponto, viu-se a necessidade de aprofundar o assunto. Logo, surgiram as seguintes perguntas norteadoras: As mulheres senis têm conhecimento sobre o exame Papanicolau? As mulheres senis realizam o exame na periodicidade recomendada pelo MS?

Diante da problemática exposta, pretende-se com este estudo, aumentar o conhecimento da sociedade em geral, assim como, fornecer

informações pertinentes que irão despertar o interesse por novas pesquisas no âmbito acadêmico relacionadas à saúde da mulher senil, voltada principalmente para a importância da realização do exame Papanicolau, bem como, auxiliar na abordagem desta clientela, através da criação de estratégias educativas que visem facilitar ações preventivas, pondo em destaque o exame Papanicolau.

Frente ao exposto, este estudo objetiva analisar o conhecimento e a prática de mulheres senis sobre o Exame Papanicolau.

Método

Trata-se de um estudo descritivo com abordagem quantitativa. O estudo foi realizado no Município Icó – Ceará (CE). Município este que está localizado na região sul do estado do Ceará, nordeste do Brasil. Icó possui uma área territorial de 1.871.997 Km². Fica distante 375 km da capital Fortaleza. Dados do último censo mostram que em 2022, a população de Icó era de 62.642 habitantes e para o ano de 2024, foi estimada uma população de 64.802 pessoas (IBGE, 2022).

O cenário da pesquisa foi em uma Unidade Básica de Saúde (UBS) do município acima citado. A escolha por esse local de estudo foi mediante a realização do estágio supervisionado I (ênfase na atenção básica), onde foi possível uma maior proximidade com a população e o público alvo desta pesquisa, assim como, foi visto que se tem uma demanda suficiente a ser estudada, onde mostra as devidas características que melhor definem a proposta do presente estudo.

A população da pesquisa foi composta pelas mulheres senis cadastradas em uma das UBS da cidade de Icó, CE, totalizando 320, nos registros atualizados no período de coleta de dados.

O tamanho da amostra foi definido a partir do cálculo amostral para obtenção do tamanho da amostra, sendo seguida a fórmula adotada por Martins (2005), que é expressa na seguinte forma:

$$n = \frac{Z^2 \cdot p \cdot q \cdot N}{d^2 \cdot (N - 1) + z^2 \cdot p \cdot q}$$

Em que:

n= tamanho da amostra;

z= abscissa da normal padrão;

p= estimativa da proporção da característica pesquisada no universo;

q= 1-p

N= tamanho da população;

d= erro amostral expresso em decimais.

Admitindo-se a população de mulheres senis (N=320), um erro de estimação de (d=10%); abscissa da normal padrão (z= 90%) ao nível de confiança de 90% e (p=q= 0,5) na hipótese de se admitir o maior tamanho da amostra, porquanto não se conhece as proporções estudadas, obteve-se um tamanho de amostra (n) igual a 55 participantes (Martins, 2005). Contudo, após aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, participaram da pesquisa 50 mulheres senis, ou seja, aproximadamente 91% da amostra proposta.

Para integrar a pesquisa, as participantes tiveram que seguir os seguintes critérios de inclusão: mulheres senis com idade igual ou superior a 60 anos, serem cadastrados na ESF e as que apresentarem consentimento livre para participarem da pesquisa. Foram excluídas: mulheres senis que não apresentavam cognição preservada.

A coleta de dados foi feita por meio da aplicação de um questionário estruturado com questões fechadas. O mesmo se inicia com questões pertinentes ao perfil sociodemográfico das participantes, seguido de questões referentes ao conhecimento e prática das mesmas sobre o exame Papanicolau, assim como, questões referentes a informações e incentivo do exame.

A coleta ocorreu durante o período de fevereiro a abril de 2018, após a liberação do município por meio da assinatura da Declaração de Anuência da Secretaria Municipal de Saúde de Icó-CE, e também a aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP).

Para contatar as participantes, a pesquisadora esteve durante os meses de fevereiro e março, nos dias de atendimento às pessoas idosas, na ESF no horário da manhã (07:00h às 11:00h) e no horário da tarde (13:00h às 17:00h). Neste período foram aplicados 20 questionários. Logo, para se alcançar o número estimado para a amostra do estudo, foi necessário a pesquisadora se dirigir e contatar as participantes em seu próprio domicílio, portanto, sendo realizadas 30 visitas domiciliares com ajuda dos Agentes Comunitários de Saúde (ACS).

O questionário foi aplicado em um local reservado, proporcionando assim uma maior privacidade e sigilo dos dados coletados, assim como, a colaboração para a minuciosa confidência de identidade das participantes do estudo.

Os dados foram agrupados, organizados e analisados utilizando o auxílio do Software Excel 2010 (Microsoft®). Posteriormente, foram apresentados em forma de tabelas para uma melhor visualização das variáveis estudadas. Em seguida foram discutidos à luz da literatura pertinente à temática.

A presente pesquisa foi desenvolvida mediante os preceitos da resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) que regulamenta o estudo contendo a participação de seres humanos (Brasil, 2013), assim como foi aprovada pelo CEP do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio (UNILEÃO), por meio do parecer de número 2.475.708.

Por fim, esta pesquisa é um recorde de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) na modalidade de monografia, apresentada ao Curso de Bacharelado em Enfermagem. Além disso, a mesma não apresentou conflitos de interesse, a participação foi livre, de forma voluntária, sem compensação financeira, assim como não teve agência de fomento.

Resultados e discussões

Participaram da presente pesquisa 50 mulheres senis. Prontamente, ao analisarmos a distribuição percentual do perfil sociodemográfico da pesquisa foi possível observar que, 54% das participantes se encontravam na faixa etária entre 60-69 anos. Também se pode verificar que, 62% eram casadas/união estável, 50% possuíam apenas o ensino fundamental incompleto e 32% eram analfabetas. Em relação à profissão/ocupação, 66% eram aposentadas (Tabela 01).

Tabela 01 – Perfil sociodemográfico das 50 mulheres senis participantes da pesquisa. Icó, CE, 2018

Categorias	Subcategorias	Frequência	%
Faixa etária			
	60-69 anos	27	54
	70-79 anos	14	28
	80 anos ou mais	9	18
Estado civil			
	Solteira	2	4
	Casada/União estável	31	62
	Separada/Divorciada	3	6
	Viúva	14	28

Escolaridade		
Analfabeta	16	32
Ensino fundamental incompleto	25	50
Ensino médio completo	6	12
Nível superior completo	3	6
Profissão/ ocupação		
Aposentada	33	66
Do lar	14	28
Ocupação remunerada	2	4
Pensionista	1	2

Fonte: dados da pesquisa.

Segundo Olhê et al. (2013), mulheres acima de 60 anos, com baixo nível de escolaridade, baixo nível socioeconômico, não ter cônjuge (viúvas, separadas e/ou solteiras) entre outros, são considerados e apontados como fatores relacionados a não realização do exame Papanicolau.

Ao analisar o conhecimento das mulheres senis a respeito do exame Papanicolau, pode-se verificar que 80% tinham conhecimento do exame e 80% sabia qual a finalidade do mesmo (Tabela 02).

Tabela 02 – Distribuição percentual das participantes da pesquisa em relação ao conhecimento do exame Papanicolau. Icó, CE, 2018

Categorias	Subcategorias	Frequência	%
Conhece ou já ouviu falar do exame			
	Sim	40	80
	Não	10	20
Sabe a finalidade da realização do exame			
	Sim	40	80
	Não	10	20

Fonte: dados da pesquisa.

Dados semelhantes relacionados ao conhecimento do exame foram encontrados no estudo de Fonseca, Godoi e Silva (2010), onde a maioria (90,5%) das senis também conhecia o exame e sabia a sua finalidade.

Também se pode encontrar esses dados na pesquisa de Maeda, Alves e Silva (2012), onde em sua maioria (91,6%), às senis relataram já ter ouvido falar do exame Papanicolau e sabiam da finalidade do mesmo.

Santos et al. (2015) e Leite et al. (2019), também identificaram em suas pesquisas que a maioria das idosas que participaram do estudo, possuíam conhecimento empírico sobre o exame, considerando o mesmo, importante.

Os dados ainda revelaram que 20% das participantes dizem não conhecer e não saber qual a finalidade do exame (Tabela 02). Já na pesquisa realizada por Oliveira (2017), com 300 mulheres senis, a maioria (286 senis) apresentaram conhecimento inadequado sobre o exame Papanicolau. Resultados semelhantes também foram identificados na pesquisa de Feitosa et al. (2017).

Por sua vez, Alves et al. (2016) descrevem que a falta de conhecimento em relação ao exame Papanicolau pode ser uma consequência da baixa escolaridade entre as mulheres senis.

Já o estudo de Costa, Bezerra e Silva (2021) apontam que a ausência de acesso ao direito básico à informação, configura-se num fator determinante no processo de adoecimento de mulheres senis, uma vez que as mesmas desconheciam a importância da realização periódica do exame Papanicolau, assim como do CCU em si.

Pôde-se perceber durante a realização desta pesquisa que o desconhecimento de algumas senis em relação ao exame Papanicolau estava relacionado também a falta acesso a informações, ou de buscar pelas mesmas. Neste sentido, Lima (2015), refere que, ações de educação em saúde como roda de conversa, palestras, entre outros, são excelentes ferramentas para que a população possa se abrir ao diálogo com os

profissionais. Nestas ações podem ser enfatizados os aspectos relacionados à prevenção e promoção da saúde, além de poder sensibilizar a população a buscar e adotar costumes e comportamentos no que diz respeito aos cuidados com a saúde.

A Tabela 03 apresenta os dados alusivos à prática da realização do exame Papanicolau entre as senis. Nesta, foram apresentadas as categorias com relação à realização do exame, a frequência com que as senis realizam o exame, sobre a última vez que realizou o exame e os motivos para a realização ou não do exame.

Tabela 03 – Distribuição percentual das participantes da pesquisa em relação à prática de realização do exame Papanicolau. Icó, CE, 2018

Categorias	Subcategorias	Frequência	%
Já realizou o exame Papanicolau			
	Sim	31	62
	Não	19	38
Frequência da realização do Exame			
	1 vez ao ano	13	41,9
	Mais de um ano	10	32,3
	Não lembra	8	25,8
Última vez que realizou o exame			
	Há menos de um 1 ano	6	19,4
	Há mais de um 1 ano	13	41,9
	Há mais de 3 anos	4	12,9
	Não lembra	8	25,8
Motivo da realização o exame			
	Prevenção do CCU	25	80,6
	Inflamação	3	9,8
	Dor pélvica	2	6,4
	Prurido	1	3,2
Motivo para nunca fazer este exame			
	Não conhecia o exame	10	52,6

Não sabia de sua finalidade ou importância	2	10,6
Tenho vergonha	7	36,8

Fonte: dados da pesquisa.

Os dados da Tabela 03 mostram que a maioria das senis (62%), já havia realizado o exame Papanicolau. Esta prevalência também foi observada nas pesquisas de Maeda, Alves e Silva (2012) e Oliveira (2017), onde os dados mostraram que, em sua maioria, as senis relataram fazer o exame. Na pesquisa de Mantovani e Lucini (2012), os dados também mostram uma prevalência de senis que já realizaram o exame Papanicolau (90%). Costa et al. (2010), em seu estudo também verificaram que a maioria (78,3%) das senis já haviam feito o Papanicolau.

Observa-se ainda na Tabela 03 que 38% das senis nunca realizaram o exame. Estas por sua vez, apontaram como motivos para nunca ter feito o referido exame, o não conhecimento de sua finalidade, assim como, vergonha e medo para realizar o procedimento, por poder está se referindo diretamente a sua sexualidade. Algumas acrescentaram ainda que não realizam o exame por já estarem próximas de morrer em decorrência da idade.

Este último motivo foi uma surpresa e, ao mesmo tempo, um ponto preocupante para os(as) pesquisadores(as), uma vez que as senis, além de não realizarem o exame preventivo, também não realizam os autocuidados, podendo, assim, prejudicar sua saúde e qualidade de vida.

Em um estudo realizado por Costa et al. (2010), pode-se observar que, quando perguntado as senis a respeito da realização do exame Papanicolau, as mesmas revelaram nunca ter feito, relataram ainda que não faziam o exame por motivo como vergonha, medo, falta de atividade sexual e acrescentaram ainda que já estavam próximas da morte.

Já Leite et al. (2019) descrevem que, mesmo os profissionais de saúde oferecendo as orientações adequadas quanto à periodicidade da realização do exame Papanicolau, muitas senis não realizam o exame e as poucas que se submetem ao mesmo, apontam sentimentos de vergonha e medo. No estudo de Santos (2020) foi constatado que as mulheres senis possuem baixa escolaridade, baixa adesão ao exame de rastreio, pouco conhecimento sobre a doença, assim como acerca de suas formas de prevenção.

As mulheres senis ainda encontram certa resistência em relação à importância da realização do exame Papanicolau, as mesmas relacionam a hábitos antigos, dificultando assim, mudanças de pensamento em relação ao seu autocuidado. Todavia, deve-se levar em consideração que a sociedade na qual as mulheres senis viveram sua juventude, as mantinha completamente sem acesso aos estudos, tendo em vista somente o serviço doméstico. Estas afirmações vão de encontro aos dados apresentados pela presente pesquisa.

Em relação à frequência da realização do exame, verificou-se que 41,9% das senis realizavam o exame ao menos uma vez ao ano e 32,3% a mais de um ano. Com relação à última vez que realizou o exame, 41,9% apontaram ter realizado o exame há mais de um ano (Tabela 03). Já no estudo de Mantovani e Lucini (2012), os dados mostraram que 70,37% das participantes realizaram o exame há mais de um ano e que 20,37% de seis meses a um ano.

Ainda, em relação aos dados referentes à frequência em que as senis realizam o exame e a última vez que o foi realizado, verificou-se que entre as 13 (41,9%) senis que afirmaram ter realizado o exame a mais de um ano, a maioria apontaram realizar o exame uma vez por ano, neste sentido, fica claro que essas estão com o exame atrasado, mas, durante a realização da

pesquisa, foi observado que, justamente essa quantidade de mulheres relataram estar com o exame preventivo em atraso, que deveriam ter realizado na campanha do Outubro Rosa, mas não puderam participar, resultando no atraso do exame, contudo, as mesmas disseram que mediante orientação e repasse de informes durante a presente pesquisa, as mesmas iriam procurar a ESF para realização do exame.

Já em relação à periodicidade do exame, no estudo de Maeda, Alves e Silva (2012), pode-se observar que em sua maioria (70,4%), as senis referiram fazer o exame anualmente.

Quanto à periodicidade do exame, o MS preconiza que mulheres que apresentarem o resultado negativo por anos consecutivos, poderão manter o intervalo de três anos para a realização do exame, desde que não identifique anormalidades no dia-a-dia, assim como, indica que o exame seja realizado por mulheres com vida sexualmente ativa na faixa etária de 25 a 64 anos. Após os 64 anos para mulheres que nunca fizeram o exame citopatológico recomenda-se realizar dois exames com intervalo anual ou a cada três anos, caso resultado negativo, podem ser dispensadas de exames complementares (INCA, 2016).

É importante ainda apontar que, 25,8% das mulheres senis não lembravam a frequência e o último ano da realização do exame. Contudo, é importante destacar a idade em que as senis se encontram, uma vez que, essa característica pode ser um fator contribuinte para o esquecimento.

No entanto, Veras et al. (2015) apontam que o processo de envelhecer é uma consequência natural da vida de qualquer ser humano, trazendo o mesmo desgaste fisiológico e alterações físicas, assim como, pode ocorrer mudanças psíquicas, sendo o esquecimento uma delas.

Ainda na Tabela 03, observa-se os motivos que levaram as mulheres senis a realizarem o exame. Logo, 80,6% apontaram a prevenção do CCU como principal motivo. Os dados também mostram que, 52,6% das participantes da pesquisa assinalaram nunca terem feito o exame por não terem conhecimento do mesmo e 36,8% por terem vergonha.

Situação semelhante foi encontrada no estudo realizado por Fonseca, Godoi e Silva (2010), onde 77% das senis relataram como motivo para realização do exame a prevenção do CCU e 23% não sabiam. Já em relação aos motivos que levam a não realização do exame pelas senis, observa-se que 60% delas não o realizam por vergonha.

Silva et al. (2022b), também destacam em sua pesquisa que as mulheres senis não realizam o exame Papanicolau por vários motivos. Logo, destacam a vergonha, o medo, especialmente, de sentirem dor durante a coleta do exame e/ou de descobrirem alguma doença, bem como a falta de atividade sexual e o desconhecimento sobre a importância do exame.

Outro estudo que buscou discutir os motivos que influenciam a adesão de senis a realização do exame Papanicolau, apontou a dificuldade de acesso ao serviço de saúde, a falta de capacitação dos profissionais, pouco desenvolvimento em práticas de educação em saúde, assim como o próprio preconceito das senis em relação à velhice (Batista; Caldas, 2017). Esses, acabam interferindo na realização do exame preventivo do CCU.

Brito et al. (2020) descrevem que a baixa escolaridade, o perfil socioeconômico, o fim do período reprodutivo, o sentimento de medo e vergonha, a carência de informação e falta de conhecimento sobre o exame, assim como os preconceitos existentes na terceira idade, o pouco investimento em práticas de educação em saúde e a ausência de rastreio

nesta população, são as principais barreiras que levam as mulheres senis a não realizarem o exame de Papanicolau.

Já no estudo de Silva et al. (2020), pode-se identificar que o desconhecimento da importância do exame Papanicolau, o receio de expor a genitália, especialmente aos profissionais do sexo masculino, são os principais fatores relacionados a não adesão das mulheres senis ao exame.

Segundo Costa et al. (2010), as mulheres senis encontram uma certa resistência em relação a importância da realização do exame Papanicolau em virtude de alguns hábitos antigos, dificultando assim mudanças de pensamentos no que se refere aos cuidados com a própria saúde.

Neste sentido, salientamos a importância da realização de busca ativa e realização de educação saúde para assim sensibilizar as mulheres de tamanha importância da realização do exame Papanicolau, tendo em vista que, o exame é o principal método para rastreio e detecção do CCU e outras patologias.

Na presente pesquisa também foi investigado se as senis já haviam recebido alguma informação ou incentivo para a realização do exame e de quem elas receberam (Tabela 04). Prontamente, pode-se observar que 80% das senis já haviam recebido alguma informação em relação ao exame Papanicolau, e que essas informações foram repassadas por profissionais de saúde.

Tabela 04 – Distribuição percentual das participantes da pesquisa em relação às informações e incentivo para a realização do exame Papanicolau. Icó, CE, 2018

Categorias	Subcategorias	Frequência	%
Já recebeu alguma informação sobre o exame Papanicolau			
	Sim	40	80
	Não	10	20

Quem informou sobre o exame			
	Profissionais de saúde*	40	80
	Não recebem informações	10	20
Recebeu incentivo para realizar o exame			
	Sim	31	62
	Não	19	38
Quem incentivou para realizar o exame			
	Profissionais de saúde	27	54
	Familiares/amigas	3	6
	Vontade própria	1	2
	Nunca recebeu incentivo	19	38

Fonte: dados da pesquisa.

* Citaram: enfermeiros(as), médicos(as) e ACS

Mantovani e Lucini (2012), em sua pesquisa, também revelaram que as senis receberam informações sobre o exame Papanicolau por meio dos profissionais de saúde (56,92%). Esta prevalência ainda foi vista no estudo de Fonseca, Godoi e Silva (2010), onde 65% das participantes da pesquisa apontaram os profissionais de saúde como propagadores das informações.

Os dados ainda revelaram que das 50 senis participantes da pesquisa, 62% tinham recebido incentivo para realizar o exame e 38% não. E quando verificado de que fonte elas tinham recebido o incentivo, 54% apontaram que foram incentivadas por profissionais de saúde e que 38% nunca receberam incentivo algum. Ainda, em relação a receber incentivo, os dados deste estudo podem ser confrontados com os do estudo realizado por Fonseca, Godoi e Silva (2010), onde a maioria (56%) das senis diz não receber nenhum incentivo.

Ressaltamos ainda que 2% das senis realizaram o exame por vontade própria, enquanto 6% receberam incentivos de familiares/amigas. Para Souza et al. (2015), as senis que fazem o exame por autonomia, acreditam

estar fazendo um bem para si mesmo, já quando o incentivo para realizar o exame vem por parte dos familiares, as senis se sentem mais importantes, pois veem que ainda tem um papel essencial dentro de casa, tendo em vista que os parentes ainda se preocupam com sua saúde.

Em contrapartida, apesar do estímulo recebido, ainda existe um tabu social que limita as senis e as levam a sentir-se envergonhadas, com medo e etc. De tal modo, elas desenvolvem uma percepção negativa em relação a várias circunstâncias, principalmente ao exame Papanicolau. Porém, com as mudanças que estão ocorrendo na sociedade, espera-se também que o pensamento dessas mulheres, de forma especial as senis, em relação a si, mudem.

Corroborando com os achados desta pesquisa, estudo internacionais apontam que se faz necessário a realização de práticas de educação em saúde junto às mulheres senis, a fim de disseminar informações sobre o CCU, rastreamento do CCU, bem como os fatores de risco e estratégias de prevenção, sobretudo, acerca do exame Papanicolau (Ebu et al., 2019; Teixeira et al., 2019).

Outro estudo, desenvolvido na província de Kampong Speu, Camboja, apontou que o conhecimento das mulheres sobre CCU e medidas preventivas, é limitado. Além disso, o estudo indica que a taxa de rastreamento do CCU, sobretudo, em mulheres senis é baixa (Touch; Oh, 2018). Em contrapartida, em um estudo desenvolvido na Finlândia, os dados revelaram que o rastreamento do CCU é uma prática bastante realizada em mulheres com idade igual ou superior a 65 anos (Pankakoski et al., 2019).

Portanto, pôde-se identificar que o exame Papanicolau ainda é muito temido pela população senil, o que dificulta sua aplicabilidade e adesão por

esse público. Porém, a educação em saúde sobre essa temática tem obtido destaque na atual conjuntura do cenário da saúde pública.

Observou-se ainda que, as mulheres senis, em sua maioria conhecem e sabem a finalidade do exame Papanicolau, assim como realizam o mesmo em conformidade ao que preconiza o MS, promovendo, assim, a sua saúde. Ainda mais satisfatório foi constatar que o incentivo que elas recebem vem dos profissionais de saúde. No entanto, pode-se observar também que ainda existem senis que nunca ouviram falar do exame, e nunca o realizaram, apontando-se como dados preocupantes.

Conclusões

Diante dos resultados, se faz necessário a realização de práticas de educação em saúde para prevenção e promoção da saúde da mulher na terceira idade, colaborando, assim, para que o autocuidado seja realizado de maneira correta, levando a uma concreta e segura prevenção do CCU. Assim, propõe-se que seja executado um planejamento de ações que estimule as mulheres senis a adquirirem mais informações sobre a temática e que procure sensibilizar e incentivar a realização com regularidade do exame preventivo, tendo em vista, a situação de risco dessa faixa etária.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, percebeu-se que a melhor estratégia para que se possa conseguir essa adesão e para estimular o hábito de cuidar da saúde da mulher na melhor idade, é incentivar o autocuidado, assim como, a disseminação de informações sobre o exame por meio de campanhas educativas.

O estudo apresentou como limitações, a realização com uma amostra pequena de participantes, assim como a ausência de publicações

atuais sobre a temática estudada, impossibilitando assim, uma análise e discussão mais ampla e aprofundada dos resultados.

Destarte, novas pesquisas devem ser desenvolvidas para assim realizar comparações dos dados obtidos, bem como contribuir com a elaboração de novas estratégias de rastreamento mais eficazes e colaborar com soluções para as questões apresentadas.

Em síntese, conclui-se que o profissional da enfermagem, em especial o da AB, que é a porta de entrada ao serviço de saúde, deve ter uma incessante preocupação em fortalecer e qualificar as ações de promoção da saúde, valorizando primordialmente a educação em saúde. Ainda, tem muito a se trabalhar com a população senil, no que se refere à periodicidade da realização do exame Papanicolau para o combate do CCU, principalmente porque a perspectiva de vida tem aumentado trazendo à tona a expressão: jovem país, de cabelos brancos.

Referências

ALVES, J. F. *et al.* Exame colpocitológico (Papanicolau): o conhecimento das mulheres sobre o preventivo no combate do câncer de colo do útero.

Revista Faculdade Montes Belos (FMB). v. 9, n, 2, p. 125-141, 2016.

BATISTA, A. F. C.; CALDAS, C. P. Fatores que interferem na adesão da mulher idosa a programas de prevenção do câncer ginecológico. **Revista de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.** v. 25, e. 21.839 p. 1- 6, 2017.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Saúde sexual e reprodutiva.** Brasília: Ministério da Saúde, 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012.** Trata de pesquisas em seres humanos e atualiza a resolução nº 196. Publicada no Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, n. 12, p. 59, 13 jun. 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise em Saúde e Vigilância de Doenças Não Transmissíveis. **Plano de Ações Estratégicas para o Enfrentamento das Doenças Crônicas e Agravos não Transmissíveis no Brasil 2021-2030**. Brasília: Ministério da Saúde, 2021. 118 p.: il.

BRITO, M. J. A. *et al.* **Barreiras na realização do exame papanicolau em mulheres idosas: revisão integrativa**. In: Anais do VII CIEH. Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/73757>>. Acesso em: 11 set. de 2024.

COSTA, C. C. *et al.* Realização de Exames de Prevenção do Câncer Cérvico-Uterino: Promovendo Saúde em Instituição Asilar. **Rev. Rene**. Fortaleza, v. 11, n. 3, p. 27-35, jul/set., 2010.

COSTA, N. M.; BEZERRA, A. F. B.; SILVA, K. S. B. Histórias de vida de mulheres idosas com câncer de colo do útero: um olhar para além do adoecer. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, e310118, p. 1-18, 2021.

EBU. N. I. *et al.* Impact of health education intervention on knowledge and perception of cervical cancer and screening for women in Ghana. **BMC Public Health**, v. 19, n. 1, 2019.

FEITOSA, L. M. H. *et al.* Realização do colpocitológico em idosas. **Revista de Enfermagem da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)**, v. 11, n. 9, p. 3321-3329, 2017.

FONSECA, W.; GODOI, S. D. C.; SILVA, J. V. B. Papanicolau na terceira idade: conhecimento e atitude das idosas cadastradas em uma Estratégia de Saúde da Família da cidade de Itaporã – MS. **RBCEH**, Passo Fundo, v. 7, n. 3, p. 357-369, set./dez. 2010.

FREITAS, E. V. **Tratado de geriatria e gerontologia**. 4 ed. (reimpr.). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2017.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Informações Estatísticas de 2022: Cidade de Icó-Ceará. 2022. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/ico/panorama>>. Acesso em: 05 de set. 2024.

INCA. Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva. Coordenação de Prevenção e Vigilância. **Estimativa 2020: incidência de câncer no Brasil**. Rio de Janeiro, RJ: INCA, 2019. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.inca.gov.br/site/s/ufu.sti.inca.local/files/media/document/estimativa-2020-incidencia-de-cancer-no-brasil.pdf>. Acesso em 10 jul. de 2024.

INCA. Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva. **Diretrizes brasileiras para o rastreamento do câncer do colo do útero**. Divisão de Detecção Precoce e Apoio à Organização de Rede. 2. ed. rev. atual. Rio de Janeiro: INCA, 2016.

INCA. Instituto Nacional de Câncer. Coordenação de Prevenção e Vigilância Divisão de Detecção Precoce e Apoio à Organização de Rede. **Dados e números sobre câncer do colo do útero - Relatório Anual 2022**. Rio de Janeiro, novembro, 2022. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.inca.gov.br/site/s/ufu.sti.inca.local/files/media/document/dados_e_numeros_colo_22novembro2022.pdf>. Acesso em 10 jul. de 2024.

LEITE, B. O. *et al.* A percepção das mulheres idosas sobre o exame de prevenção de câncer do colo de útero. **Rev. Pesqui. (Univ. Fed. Estado Rio J., Online)**. v. 11, n. 5, p. 1347-1352, out.-dez. 2019.

LIMA, E. S. **Saúde da pessoa idosa: atuação do enfermeiro na atenção básica**. 2015. 104 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal do Amazonas; Universidade Estadual do Pará, Manaus, 2015.

LIMA, T. M. R.; FERREIRA, T. G.; CAMPOS, M. Câncer de colo de útero e sua epidemiologia no Brasil de 2019 a 2023. **Revista de Patologia do Tocantins**. v. 11, n. 2, p. 372-375, 2024.

MAEDA, T. C.; ALVES, A. P.; SILVA, S. R. Conhecimento de mulheres idosas sobre o exame de papanicolaou. **Cienc Cuid Saude**. v. 11, n. 2, p. 360-367, 2012.

MANTOVANI, C.; LUCINI, C. T. Conhecimento das mulheres da terceira idade de um município do Meio-Oeste de Santa Catarina sobre o exame papanicolaou. **Unoesc & Ciência - ACBS**. v. 3, n. 2, p. 111-122, 2012.

MARTINS, M. E. G. **Introdução as Probabilidades e Estatísticas**. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Estatística, 2005.

OLHÊ, L. *et al.* Papanicolaou na terceira idade: um desafio para a enfermagem. **Revista Fafibe On-Line**, ano VI, n. 6, p. 78-86, nov., 2013.

OLIVEIRA, C. M. **Conhecimento, atitude e prática do exame Papanicolaou em mulheres idosas**. 2017. 69 f. Dissertação (Programa Stricto Sensu em Gerontologia) - Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2017.

PANKAKOSKI, M. *et al.* Effectiveness of cervical cancer screening at age 65 — A register-based cohort study. **Plos One**, v. 14, n. 3, e. 0214486, 2019.

SANTOS, A. P. *et al.* Práticas educativas sobre exame Papanicolau: um relato de experiência. **RevistaFT**. v. 27, n. 124, p. 1-14, 2023a.

SANTOS, L. G. C. **Câncer do colo do útero em mulheres idosas: trajetória e repercussões**. 2020. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020.

SANTOS, L. G. C. *et al.* Câncer do colo do útero em idosas: prevenção e controle. **Estud. Interdiscipl. envelhec**, Porto Alegre, v. 28, s/n, p. 1-14, 2023b.

SANTOS, R. F. A. *et al.* Conhecimento de idosas sobre o exame citopatológico. **Rev enferm UFPE**. Recife, v. 9, n. 2, p. 517-25, fev., 2015.

SILVA, D. S. *et al.* Senescência: percepções sobre este processo e a sua singularidade na vida de idosos que participam de um grupo de convivência. **Rev Eletrô. Acervo Saúde**, v. 15, n. 3, e. 9975, p. 1-8, 2022a.

SILVA, G. F. *et al.* Fatores impeditivos da realização do exame Papanicolau em idosas: uma revisão integrativa. **Rev Eletrô. Acervo Saúde**. v. 15, n. 2, p. 1-9, 2022b.

SILVA, K. B. *et al.* Integralidade no cuidado ao câncer do colo do útero: avaliação do acesso. **Rev Saúde Pública**, v. 48, n. 2, p. 240-248, 2014.

SILVA, M. O. *et al.* Fatores relacionados à não adesão ao exame citopatológico em mulheres na melhor idade: uma revisão sistemática com Metassíntese. **Revista Brazilian Journal of Development (BJD)**, v. 6, n. 8, p. 60925-60934, 2020.

SOUZA, F. M. B. *et al.* Papanicolaou em mulheres idosas atendidas em uma unidade básica de saúde. **Anais CIEH**. v. 2, n.1, 2015.

TEIXEIRA, A. C. *et al.* Time trends in cervical cancer mortality in Portugal. **Acta Médica Portuguesa**, 2019; v. 32, n. 6, p. 427-433, 2019.

TOUCH, S.; OH, J. Knowledge, attitudes, and practices toward cervical cancer prevention among women in Kampong Speu Province, Cambodia. **BMC Cancer**. v. 18, n. 294, 2018.

VERAS, M. L. M. *et al.* Processo de envelhecimento: um olhar do idoso. **Revista Interdisciplinar**, v. 8, n. 2, p. 113-122, abr./maio/jun. 2015.

Revista Interdisciplinar Encontro das Ciências – ISSN: 2595-0959, V. 8, N. 1, 2025.

Conflito de interesses

Os autores declaram não haver conflito de interesses.

Contribuição dos autores

Concepção e conceitualização: LMSL, RBD

Redação do manuscrito original: LMSL, LMAM, KMF, RBD

Curadoria de dados: LMSL, LMAM, KMF, RBD

Análise de dados: LMSL, LMAM, MRFS, RBD

Redação textual: LMSL, LMAM, KMF, MJAMA, RBD

Supervisão: LMSL, MRFS, RBD

Financiamento

Não se aplica

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica

Aprovação, ética e consentimento

82053317.1.0000.5048
